PAPÉIS DE GÊNERO: PERSONAGENS FEMININAS EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS.

Maria Eduarda de Lima Barbieri (PIC/CNPq/FA/UEM), Marco Cicero Cavallini. (Orientador). E-mail: mccavallini@uem.br e ra143839@uem.br
Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes: Literatura Brasileira e Teoria Literária.
Palavras-chave: Condição feminina. Escravidão. História e Literatura.

RESUMO
Os contos de Machado de Assis constituem importantes fontes para a compreensão crítica das relações de gênero, raça e poder na sociedade brasileira oitocentista. Esta pesquisa propõe analisar as representações das mulheres nos contos “D. Benedita” (1882), “Uma senhora” (1884) e “Pai contra mãe” (1906), considerando o patriarcalismo e as relações escravistas nas narrativas. Para isso, fez-se uma análise da condição feminina alicerçada nas obras de Anne McClintock, em *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, e Silvia Federici, em *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Metodologicamente, desenvolve-se uma leitura comparativa das personagens femininas, das relações de poder e das formas de controle e exploração dos corpos. Os resultados parciais evidenciam que as personagens estão inseridas em uma sociedade marcada pela colonialidade do poder e do gênero, caracterizada por desigualdades estruturais e pela restrição de direitos, sendo as mulheres negras submetidas a condições mais violentas de desumanização.

INTRODUÇÃO
A obra de Machado de Assis é essencial para a compreensão crítica da sociedade patriarcal brasileira do século XIX. Embora a crítica tradicional prefira seus romances, os contos apresentam grande riqueza ao revelar as contradições de uma sociedade marcada pelo arbítrio senhorial, pela misoginia e pela discriminação racial. Por meio da ambiguidade e ironia, as narrativas machadianas evidenciam as relações de poder ligadas à propriedade e ao controle socioeconômico de corpos subalternizados. Nesse contexto, mulheres e indivíduos escravizados encontravam-se em condições de vulnerabilidade material e simbólica, submetidos à exploração econômica e à dominação patriarcal. A pesquisa está embasada nas contribuições teóricas e críticas de Roberto Schwarz, John Gledson e Sidney Chalhoub, que compreendem a literatura machadiana como uma forma de interpretação histórica e social do Brasil imperial.

REVISÃO DE LITERATURA
A pesquisa optou por uma abordagem qualitativa, bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise comparativa dos contos “D. Benedita” (1882), “Uma senhora” (1884) e “Pai contra mãe” (1906), escolhidos por abordarem questões de gênero,

escravidão e relações de poder. A análise incorpora as contribuições de Anne McClintock, em *Couro imperial*: raça, gênero e sexualidade no embate colonial, e Silvia Federici, em *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. A partir da leitura integral das obras, foram identificados elementos relacionados às personagens femininas, às formas de poder e às relações de controle, exploração e subalternização dos corpos. Por meio da comparação entre os contos, buscou-se compreender como gênero, raça e condição social se articulam na representação das personagens e das relações sociais no Brasil oitocentista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a pesquisa ainda se encontra em andamento, apresentam-se alguns resultados parciais. A investigação justifica-se pela necessidade de repensar a condição feminina na literatura brasileira do Oitocentos e de reposicionar as mulheres como sujeitos históricos dotados de agência e capacidade de resistência contra as violências explícitas e implícitas do sistema misógino patriarcal. Cada conto escolhido funciona como um microcosmo das tensões de gênero e classe do período.

O conto “D. Benedita”, pertencente à coletânea *Papéis Avulsos*, apresenta uma senhora da elite do Rio de Janeiro, casada com um magistrado ausente. Sua personalidade inconstante, indecisa e destituída de vontade própria mostra-se nos seus pensamentos e caprichos cotidianos, e na volubilidade de suas amizades.

Segundo John Gledson, o conto não seria apenas um estudo psicológico sobre a volatilidade de uma mulher da Corte, mas sim uma alegoria dissimulada da crise política que marcou o fim da década de 1860 no Segundo Reinado. Nesse sentido, estabelece-se um paralelo entre Dona Benedita e a classe de políticos subservientes do período. A função social da personagem não abrange a tomada de decisões estruturais, limitando-se a manter as aparências, gerenciar a domesticidade, organizar jantares e manter o *status quo*. Sua principal ocupação é bajular contatos sociais e articular o casamento da filha Eulália com um "bom partido", assegurando a manutenção do status econômico e de classe da família no arranjo patriarcal. Ao final do conto, em um desfecho alegórico, a própria essência de Dona Benedita é revelada quando ela interage com a fada que governou seu nascimento, cujo nome resume sua personalidade inconstante (vontade fraca, hesitante): “depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: Meu nome é Veleidade, concluiu; e, como um suspiro, dispersou-se na noite e no silêncio.” (Assis, 1882/1997)

Nota-se bem o contraste entre D. Benedita e sua filha Eulália, o que indicaria uma diversidade de caracteres femininos. Enquanto a mãe é a personificação da hesitação, da indefinição e da adequação às opiniões alheias, Eulália demonstra uma determinação implacável ao se recusar a ser tratada como moeda de troca no mercado de casamentos arranjados da elite, respondendo com um invariável e seco “não” aos apelos de seu cônego (Assis, 1882/1997, p. 109).

Em “Uma Senhora”, extraído de *Histórias Sem Data*, o autor elabora o perfil psicológico de D. Camila, uma mulher obcecada pela juventude e aterrorizada pelo envelhecimento.

Para frear o próprio declínio biológico, ela infantiliza sua filha Ernestina, postergando seu amadurecimento e matrimônio. Sua beleza extraordinária, que resiste ao tempo, traz certas vantagens na sociedade. No entanto, sua identidade é inteiramente dependente do olhar e da aprovação dos outros. Como o próprio narrador machadiano observa, ela "vivia principalmente com os olhos da opinião". A beleza física é sua única esfera de poder e validação em uma sociedade patriarcal que descarta mulheres maduras. Essa dinâmica ilustra o culto à beleza e à juventude como mitos de dominação patriarcal, que alienam e aprisionam a mulher em padrões corporais idealizados.

> Dir-me-á o leitor que a beleza vive de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos da opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo? D. Camila entrou na casa dos trinta e não lhe custou passar adiante. (Assis, 1884/1997 pg. 259).

Por fim, “Pai contra mãe”, publicado em *Relíquias de Casa Velha*, expõe o lado mais violento da opressão de raça e classe na figura de Cândido Neves, um caçador de escravizados fugidos, pobre e sem uma fonte de renda, pressionado pelo desejo de constituir família e criar o filho recém-nascido. O interesse analítico recai sobre o contraste socioeconômico e racial estabelecido entre as personagens femininas dessa narrativa — Clara (companheira de Cândido), tia Mônica e Arminda (a escravizada grávida fugitiva) — e as mulheres estabelecidas socialmente das histórias anteriores, evidenciando as especificidades da opressão sobre as mulheres marginalizadas. Na narrativa, a violência brutal da escravidão ganha corpo quando Arminda, grávida e fugitiva, é subjugada e atada por Cândido Neves (Assis, 1906/1997, p. 474).

Muito além de contextualizar e contrastar a condição das mulheres na sociedade brasileira do Oitocentos, Machado expõe as dinâmicas das relações assimétricas de gênero raça e classe. A personagem Arminda evidencia vários aspectos dessa dinâmica ao mostrar resistência à sua condição, pois foge grávida de seu senhor. O conto não explica a sua história no cativeiro, mas indica desde o início a violência extrema do regime escravocrata, com o uso das máscaras de flandres e outros detalhes muito sugestivos da perversidade do regime. Com o conhecimento do contexto histórico da escravidão no Brasil, percebe-se que é bastante provável que Arminda esteja grávida de seu próprio senhor. Também pode-se pensar que ela tenha fugido por não querer ter o filho na condição de escravizada, gerando assim de seu ventre um outro escravizado. Machado de Assis escreve de modo a sugerir essas possibilidades, estimulando os leitores a completarem a narrativa de acordo com o próprio conhecimento do período histórico. Ao adotarmos uma bibliografia de matriz feminista e historiográfica voltada ao entendimento do patriarcado na modernidade, como *O Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici, que investiga o controle histórico exercido sobre os corpos das mulheres e os processos violentos de expropriação que acompanharam a acumulação primitiva e o surgimento do capitalismo, é possível iluminar mais detalhes das relações de poder no Brasil oitocentista, como, por exemplo, o mercado de matrimônio e a esfera da domesticidade, única esfera em que mulheres ganhariam alguma respeitabilidade social, mas também a esfera privada da

violência patriarcal. Dona Benedita representa a mulher privilegiada pela classe e pela raça, mas domesticada e subalternizada pelo gênero. Ela é o retrato da passividade e da alienação, servindo como o oposto perfeito de personagens marginalizadas, como Arminda que, apesar da opressão violenta, demonstra uma agência radical ao fugir de sua condição.

CONCLUSÕES

Os resultados das leituras e análise dos contos até o momento corroboram a conclusão de que as condições das mulheres retratadas na ficção machadiana, inclusive a subalternização da mulher negra, refletem os processos em que os corpos femininos e suas funções reprodutivas foram reificados para atender às demandas de controle social e econômico. Ao alinhar a literatura oitocentista às teses de Silvia Federici sobre a acumulação primitiva, e à análise de Anne McClintock sobre o gênero como categoria estruturante do embate colonial e imperial, percebe-se como os papéis de gênero delineados nos contos funcionam como engrenagens estruturais da herança colonial e do patriarcado oitocentista. O escopo teórico dessas autoras expõe a centralidade do trabalho reprodutivo. Enquanto em “D. Benedita” a reprodução se dá na esfera do capital social e do matrimônio burguês, em “Pai contra mãe” o controle sobre o corpo e a gestação de Arminda expõe o limite máximo da acumulação primitiva: a conversão da capacidade reprodutiva feminina em propriedade e em engrenagem de reposição da força de trabalho escravizada.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**. Seleção e organização de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social no início do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.